

PAISAGEM E MEMORIA

WASHINGTON LUÍS

A morte de Washington Luis, mais de um quarto de século depois de sua deposição, será de molde pelo menos a nos convenecer da sua situação de "passado", fazendo urgir portanto a necessidade de estudos mais reais da interpretação de sua carreira. Fazemos essa afirmativa, em vista de não se fugir ainda a certo sestro de ver nele a historia contemporanea, como se fosse a persistencia de certo espirito capaz de retornar, pelo menos nutrido algum saudosismo sebastianista, o dos que entendem que "nos outros tempos foi melhor".

O morto illustre de agora parece não haver escrito as suas memorias. Prejuizo, para a historia, porem relativo, pois que jamais o memorialista se coloca assim como em divã psicanalitica e abrindo realmente o pensamento e o sentimento em relação às coisas. Sem contar que dificilmente qualquer homem pode saber qual seja a sua verdade interior. Assim como deverá ignorar a sua verdade exterior, ou seja a dos impactos que lhe vêm do mundo de fora e capazes de levá-lo por atalhos cuja verdadeira natureza pode desconhecê-lo.

Escrevendo-se sobre ele dificilmente se foge ao esquema: Homem austero e formoso, com qualidades morais que ninguem lhe nega, a par de alguns defeitos como a sua celebre obstinação e que podem ter marcado os itinerarios da nossa historia recente. E' rigido demais: a alma humana, mesmo a das criaturas menores, tende muito mais para o labirintico e o intrincado.

No esquema desse homem — a mais de um titulo, monumental — acrescentam-se dados referentes ao seu paulistismo. Tanto mais de notar que esse paulista era de Macaé. Ao lado do alagoano Albuquerque Lins, é tido como prova da ausencia do sentimento regionalista em São Paulo. Maneira idealistica de contar a historia. Esse regionalismo — e não vai nisto a indicação de nenhum demérito — nunca pôde e nunca poderia deixar de haver marcado os roteiros de São Paulo na historia republicana. E não caso desse fluminense que acabou paulista illustre, não foi São Paulo que aderiu mais ainda ao Brasil, o fenomeno psicologico foi inverso: representa um momento em que uma provincia brasileira procurava dissolver-se em São Paulo.

1900 é data crucial na biografia de nosso ex-presidente. E' o ano de sua primeira candidatura a deputado e a de seu casamento. Não se pode deixar de chamar a atenção para esse fato que tem um valor superior ao das meras coincidencias. A noiva era filha dos Barões de Piracicaba. O que vale dizer que o então jovem fluminense se integrava numa grande, numa das maiores familias da terra paulista. Tivemos então sociologicamente o fenomeno do genro, com mais qualidades do que os filhos, e que por isto mais do que esses ultimos ia tornar-se a encarnação do espirito e dos interesses do seu clã. E a carreira ascensional futura teria que decorrer como coisa natural, a partir dessas bases.

Desse São Paulo latifundiario e cafeicultor, Washington Luis pôde ser a expressão e a voz. São Paulo de plantações de café, de colonos italianos que

ainda não eram chamados camponeses, da euforia dos passeios em Paris. Ninguem como ele com este destino. O café pode haver-lhe marcado as primeiras eleições e as subsequentes, como acarretou a sua queda. Na nossa historia, a rubiacea pode ter tido vida paixão e morte e encontrou em Washington Luis o seu martir mais conspicuo. Ele, mais do que uma pessoa, foi uma época, uma civilização, a consciencia que se tinha de que se formava uma raça, uma maneira de ser e de pensar, uma maneira de trabalhar, em suma, um periodo da evolução economica e social do Brasil.

Em 1929, com o craque, os lavradores paulistas apelaram ao Presidente. Queriam, para a solução dos seus males, a emissão ou a moratoria. A resposta foi energica e decepcionante: Nem emissão nem moratoria. Os agricultores poderiam perder as fazendas, mas essas continuariam em São Paulo. Não seria possivel desarrraigá-las do chão paulista. Este era em suma o pensamento de Washington Luis, nutrido da certeza da perennidade de São Paulo. Mas o que ele não percebeu é que se São Paulo pode ser eterno, o São Paulo que ele encarnava se perdia. E' que as fazendas passaram para as mãos dos colonos estrangeiros.

Ninguem poderá culpá-lo de nada e muito menos os empobrecidos de então. A valorização do café, à certa hora, esteve estreitamente associado o nome de outro paulista de fora, o já citado Albuquerque Lins. Esse episodio é coisa tão esdruxula na historia economica do mundo que Gilberto Freire lembra que, nos dicionarios ingleses, a palavra "valorization" aparece como "brasileirismo". Tão espantoso achei essa revelação que me dei o trabalho de verificá-la. E o meu "Webster" lembra de fato que "valorization" deriva de "valorização".

Este é um tema para os historiadores de nossa economia. Até que ponto a valorização do café realmente foi um fenomeno artificial? E no caso de resposta afirmativa, a economia cafeeira ter-se-ia mantido sem ele? E a não ter sido feita, teriamos assistido pelo menos por 1914-1915 o que só se acabou dando por 1929 e 1930? Os lavradores de São Paulo não teriam ido apelar à realização de outro milagre economico, impondo a Washington o papel de modificar de novo a semantica de algum vocabulo da lingua inglesa?

A historia do periodo de Washington Luis está à espera de seu historiador.

Imprensa

MANHA, Morel
abertura jorna-
alado ontem
ionado no
foi conce-
do Gas-
estu-
a in-
ncia
ita